



ANPEd - Associação Nacional de Pós-Graduação e Pesquisa em Educação

15501 - Resumo Expandido - Trabalho - XXVII Encontro de Pesquisa Educacional do Nordeste – Reunião Científica Regional – ANPEd Nordeste (2024)

ISSN: 2595-7945

GT21 - Educação e Relações Étnico-Raciais -N

CINQUENTA ANOS DO NCAB, PROPOSTA INTERÉTNICA EM TERMOS ÉTNICO-RACIAIS: O PONTO CRUCIAL DO PENSAMENTO DE MANOEL DE ALMEIDA CRUZ  
Cristiane Lima Santos Rocha - UNIT - Universidade Tiradentes

**CINQUENTA ANOS DO NCAB, PROPOSTA INTERÉTNICA EM TERMOS ÉTNICO-RACIAIS: O PONTO CRUCIAL DO PENSAMENTO DE MANOEL DE ALMEIDA CRUZ**

## 1 INTRODUÇÃO

Sob as lacunas de interpretações históricas em diretrizes educacionais baseadas na Lei de Diretrizes e Bases nº 5.692, de 11 de agosto de 1971, na qual a educação passou a ser pensada preponderantemente, a partir do ensino de 1º e 2º graus como necessária ao “desenvolvimento de potencialidades dos estudantes, autorrealização, qualificação para o trabalho e preparo para o exercício consciente da cidadania” (Lei n.º 5.692/71, Art. 1.º), que nos anos de 1970, diversas organizações ligadas ao Movimento Negro, lançaram críticas a realidade racial presente na Educação.

Neste contexto surgiu em Salvador, Bahia, no 1º de agosto de 1974 o Núcleo Cultural Afro-Brasileiro - NCAB.

[..] Um grupo de onze jovens acaba de criar o Núcleo Cultural Afro-Brasileiro, com sede provisória no Instituto Cultural Brasil-Alemanha. A curto prazo, pretende a entidade implantar um curso de Yorubá – língua ainda falada em alguns Terreiros de Candomblé da cidade. A longo prazo, estudos do processo de integração do negro na sociedade brasileira” (Surge [...], Diário de Notícias, Salvador 01 ago.1974).

O Núcleo Cultural Afro-Brasileiro NCAB, buscou no decorrer da sua fundação e ao longo dos anos de 1980 estabelecer cientificidade às ações empreendidas

pela população negra em prol da superação do racismo e coordenar debates, formações que levaram, em 1978, à formulação da *Pedagogia Interétnica*, com objetivo de implementar práticas pedagógicas e curriculares de importância da diversidade étnico-racial.

Dentre esses jovens estavam Lino Almeida, Roberto Santos, Manoelito dos Anjos, Atolenildo de Santana, Nelson Mendes, Gilberto Leal, Jorge Milton Conceição e Manoel de Almeida Cruz (1989), este último na condição de coordenador do Núcleo, politizou afirmativamente a raça, colocando em xeque o mito da democracia racial, mas, também fomentou questões diaspóricas para confrontar as estruturas do colonialismo e problematizar a descolonização, sendo estes os fios de leitura que permite entender o caráter interétnico presente na Pedagogia de combate ao racismo nos espaços escolar.

Neste sentido, a presente proposta é parte de estudo qualitativo, em uma perspectiva descritiva-analítica, em desenvolvimento junto a Universidade Tiradentes – UNIT, na linha de pesquisa Educação e Formação Docente. O recorte ora apresentado, nos limites do texto, coloca em movimento o caráter pedagógico do Núcleo Cultural Afro- Brasileiro; e, evidencia a importância da trajetória do Manoel de Almeida Cruz com vistas a subverter a negação, apagamento e o silenciamento da produção intelectual negra concebida como *Pedagogia Interétnica*.

O percurso e procedimento metodológico realizado aqui, tem inspiração na base teórica, foucaultiana, da Sueli Carneiro (2023), em torno da problemática racial no campo analítico dos conceitos de dispositivo e do biopoder, enquanto ferramenta teórica-metodológica à problematização do *Dispositivo de Racialidade* para dimensionar o epistemicídio, na medida em que a modernidade ocidental, estabeleceu “campos ontológico, epistemológico e de poder na conformação dos modos de subjetivação” (Carneiro, 2023, p.44).

E com a categoria *Movimento Negro Educador* da Nilma Lino Gomes (2017), indaga-se as interpretações e saberes produzidos sobre o movimento negro que se formularam “desconectados da intelectualidade negras e de suas reivindicações” (Carneiro, 2023, p.40), para operacionalizar movimento negro não apenas como conceito, mas como educadores, que ao elaborarem e socializarem saberes suscitaram *conhecimentos nascidos nas lutas*. (Gomes, 2017)

O que justifica na materialidade deste texto o uso de títulos jornalísticos de circulação ampla, do recorte temporal aqui apresentado, 1970-1980, impressos como: *Diário de Notícias, Tribuna da Bahia e A Tarde*, disponíveis no Arquivo Público do Estado da Bahia e na seção de periódicos da Biblioteca Central do Estado da Bahia.

Assim, uma questão se apresenta: no jogo de luta entre os apagamentos do pensamento abissal e das construções de pedagogias decoloniais, qual o lugar que o campo da educação reservou, em sua memória social, à pedagogia interétnica e ao lugar de intelectual, na política da memória do campo da educação no Brasil, a Manoel de Almeida Cruz?

## 2 O COMBATE QUE SE DELINEIA PELA E COM AS REDES DE INSURGÊNCIAS

Durante período de mestrado o trabalho do professor Ivan Costa Lima *Pedagogia interétnica: uma proposta do movimento negro em Salvador (1974-1990)*, esteve sob orientação da professora Vânia Beatriz Monteiro da Silva, da Universidade Federal de Santa Catarina, e foi uma das vinte pesquisas iniciantes que no 3º Concurso Negro e Educação, os pesquisadores estiveram durante dezoito meses em formação na temática educação e relações étnico-raciais, participando de seminários teóricos e metodológicos, das reuniões anuais da ANPEd e divulgando resultados de suas investigações em pôsteres. Em 2017 o trabalho foi publicado em formato de livro intitulado: *História da Educação do Negro(a) no Brasil: pedagogia interétnica de Salvador, uma ação de combate ao racismo*.

No estudo, Lima (2017) contextualiza a contribuição do movimento negro na construção de propostas educacionais, destacando da *Pedagogia Interétnica* (1978) suas referências, história, e caráter pioneiro de ser uma proposta pedagógica sistematizada, elaborada por uma organização do movimento negro (MN) que foi aplicada em escolas da rede pública e de outros campos, Lima (2017), também sinaliza sua esperança de que seu trabalho contribua para difundir a importância de Manoel de Almeida Cruz para a Educação brasileira.

Tal importância localiza-se no entendimento da Educação pela qual Manoel de Almeida Cruz lutava “a educação como instrumento de libertação, não tem compromisso com escritos pedagógicos que coisificam e brutalizam grupos étnicos”. Para ele, “uma educação autêntica e libertadora” deveria ser conquistada a partir de “denúncias das estruturas injustas”, mas “somente uma concepção dialética da realidade poderia conceber a educação como libertação” e, afirma: “a pedagogia interétnica estar plenamente comprometida com este processo de libertação” (Cruz, 1989, p.75-76).

Em Salvador, Bahia, dos anos de 1970 a 1980, a proposta interétnica de Manoel de Almeida Cruz em termos étnico-raciais esteve agregada ao reconhecimento e valorização da população negra, da população indígena a partir de mudanças que foram provocadas nas estruturas da organização educacional, através da própria experiência e do questionamento das ausências.

Vozes insurgentes movimentarem-se por caminhos de saberes, epistemologias, encarnando com suas vidas o “caráter emancipatório, e reivindicativo, que caracteriza o Movimento Negro como importante ator político e educador de pessoas, coletivos, e instituições sociais ao longo da história” (Gomes, 2017, p.23). Enquanto Núcleo, aquelas vozes mais que “integração do negro na sociedade brasileira”, buscavam “estudar, pesquisar e difundir a cultura afro-brasileira, de maneira menos acadêmica e sem vínculos religiosos” (Surge [...] Diário de Notícias, Salvador, 1 ago. 1974).

Mas, até chegar à noção de *Pedagogia Interétnica* (1978) houve que se estabelecer os caminhos e alianças possíveis ao reconhecimento de epistemologias produzidas por subjetividades que colocavam em xeque a função estratégica, sobretudo apaziguadora da democracia racial às tensões étnico-raciais.

Não sem razão Manoel de Almeida Cruz junto ao Núcleo Cultural Afro-Brasileiro adota estratégia de resistência conhecida pelo Movimento Negro: a comunicação jornalística como um lugar especial de produzir conhecimento, fazer circular e educar. O NCAB não cria periódico próprio, estabelece atuação educadora pública, pelas fendas não pensadas de saberes e poderes que beneficiam o *dispositivo de racialidade*, em jornais de ampla circulação como o jornal *A Tarde*, e com mais frequência nos jornais *Diário de Notícias* e *Tribuna da Bahia*.

Pois, se a compreensão da farsa da democracia racial, deveria ser buscada na história (Gomes, 2017), os modos de existências, os processos de subjetivação passavam a ser aprendidos nas mais diferentes dinâmicas de poder e saber. Assim, coletivamente produziam conhecimento insurgente “reapropriando-se da força vital da potência criadora presente na linguagem” - verbal, visual, gestual, existencial. [...] o que “implicou em habitar a linguagem nos dois planos que a compõem: a expressão do sujeito e a do fora-do-sujeito” para movimentar rede de insurgência em prol de alternativas do combate ao racismo (Rolnik, 2018 p.132).

E nesta direção que Manoel de Almeida Cruz, Lino Almeida e demais jovens que compunham o Núcleo Cultural Afro-Brasileiro, aliou-se a instituições como o Instituto Cultural Brasil– Alemanha ICBA, que à época estava sob a direção de Roland Schaffner. Ao aliar-se ao ICBA o NCAB passava a ter além da estrutura, acesso e diálogo com diversos intelectuais, estabelecendo-se parcerias importantes às palestras e seminários desenvolvidos pelo Núcleo Cultural Afro-Brasileiro que após quatro anos resultou na proposta curricular interétnica.

Ao construir, com próprios recursos a partir de seminários e cursos, proposta de intervenção científica para combater o racismo, o Núcleo Brasileiro Afro-Brasileiro, estabeleceu articulações com diversos intelectuais, em sua maioria

ligados a ambientes acadêmicos, a intencionalidade foi estabelecer uma rede de insurgências com ações públicas que ampliavam o debate político da questão racial em consonância com principais grupos do Movimento Negro. No que foram criados departamentos dentro do próprio NCAB:

O Núcleo conta com os seguintes departamentos: Departamento de Sociologia, sob orientação direta do professor Hélio Rocha, Antropologia, sob orientação de Manoel de Almeida Cruz, Arte, com Jorge Milton da Conceição, História, com Roberto Santos (não confundir com o governador) e Relações Públicas, com Djalma Costa Santos, vinculado ao Departamento de arte Clyde Morgan e Mário Gusmão (Núcleo [...], Tribuna da Bahia, Salvador, p. 3, 15 dez. 1975).

Cabe notar que os primeiros movimentos que incluíram semanas de estudo, palestras, encontros e seminários, em sua maioria abrigadas no Instituto Cultural Brasil-Alemanha – ICBA, foram basilares à operacionalidade dos métodos da *Pedagogia Interétnica* (sociológico, de análise da linguagem ordinária, semiológico, curricular, etnodramático, comunicação total), publicados por Manoel de Almeida Cruz em 1987, com artigo intitulado “Pedagogia Interétnica”, nos Cadernos de Pesquisa da Fundação Carlos Chagas e em 1989 em livro autoral “Alternativas para combater o racismo: um estudo sobre o preconceito racial e o racismo – uma proposta de intervenção científica para eliminá-los”.

Manoel de Almeida Cruz, junto ao Núcleo Cultural Afro-Brasileiro, elaborou proposta interétnica negando perspectiva economicista para avaliar a dimensão estrutural das relações de classe na história e cultura afro-brasileira; e, apontando como a negação do racismo, instituiu a “negação de ser negro” para muitos brasileiros.

E movido por este compromisso, Manoel de Almeida prosseguiu o combate ao racismo numa perspectiva mais incisiva de luta comprometida com mudanças estruturais, ofertando cursos em caráter itinerante.

Em março de 1989, o Núcleo Cultural Afro-Brasileiro e a Divisão de Literatura de Cordel da Fundação Cultural do Estado da Bahia patrocinam o lançamento do livro “Alternativas para combater o racismo: um estudo sobre o preconceito racial e o racismo - uma proposta de intervenção científica para eliminá-los” de Manoel de Almeida Cruz.

Conforme matéria publicada no jornal A Tarde de 30 de março de 1989, que noticiou o lançamento com o título “Racismo em livro”, o principal objetivo da obra era “instrumentalizar em nível teórico, metodológico e prático o combate ao racismo nos mais variados setores da atividade humana que vai desde a escola ao trabalho” (O racismo [...], A Tarde, Salvador, 30 mar.1989). Dada a palavra a Manoel de Almeida ele pontua “durante todo esse tempo, especialistas da Sociologia e Psicologia Social tem estudado o preconceito racial e o racismo, mas

não passaram do patamar dos diagnósticos” (Cruz, Manoel. A Tarde, Salvador, 30 mar.1989).

Portanto, foi preciso mais que reconhecer as formas como o racismo afetava (afeta) a inteligência emocional; de onde a adoção de conexões insurgentes na linha de Sueli Carneiro (2023, p.139) permitiram “libertar a razão sequestrada e romper com a condição de reféns dos discursos de dominação racial”.

### 3 CONSIDERAÇÕES FINAIS

Em tempos em que a educação tem se engajado ético-politicamente contra o epistemicídio, é uma urgência do presente, no sentido foucaultiano, localizar a atuação de Manoel de Almeida Cruz junto ao Núcleo Cultural Afro-Brasileiro – NCAB (1974) pela elaboração, circulação e implementação de uma Pedagogia que instrumentalizasse a luta contra o racismo dentro do campo educacional.

A elaboração da *Pedagogia Interétnica* por Manoel de Almeida Cruz junto ao Núcleo Cultural Afro-Brasileiro – NCAB, faz parte de um maior movimento que nos anos 1970, marca a virada negra não apenas no Brasil, como no mundo, em que homens e mulheres ergueram a voz e ocuparam lugares, antes não ocupados, ao “romper com as visões destorcidas, negativa e naturalizadas sobre os negros, sua história, cultura, práticas e conhecimentos” (Gomes, 2017, p.22),

A respeito da compreensão das estratégias de existência, produtoras de vida e mantenedoras do sentimento de pertencimento, Lélia Gonzalez (1982) pontua que se o discurso é pedagógico, a resistência se dá nas fissuras. Assim, o sentido pedagógico de resistência diz das intrínsecas práticas de insurgências que fissuram a colonialidade e articulam atos que mobiliza a consciência da experiência acumulada para desconstruções no presente, de estereótipos naturalizados, submissos, marginais, o que se denomina memória social.

É daqui que nasce a compreensão de que a década de 1970 fornece elementos que permitem caracterizá-la como a década das mobilizações e emergência para um movimento de reflexão e ação, essencial à maturação dessa análise. Esta implica em reconhecimentos de outras histórias, trajetórias, restituição da dignidade a quem pela imposição do projeto moderno/colonial foram invisibilizados. Como sugere Catherine Walsh, diz de “tornar visível as lutas contra a colonialidade pensando não só a partir de seu paradigma, mas a partir do povo e de suas práticas sociais” (2009, p. 24).

Endereçar uma pesquisa que dê a ver o trabalho pioneiro de um intelectual e educador negro na construção de uma pedagogia antirracista, insurgente no Brasil;

sobretudo pensando que, em termos de política pública, em que o campo da educação toma como marco a Congresso de Durban e a Lei n.10639/2003, diz da construção mnemônica da história de uma educação para relações étnico-raciais que se constrói rompendo epistemicídio acerca das vivências e experiências de intelectuais negras, negros.

Assim, reivindica-se nesse agenciamento coletivo de enunciação da memória social da Educação para Relações Étnico-Raciais GT 21 da ANPEd, “vidas que foram levadas a desaparecer sem terem sido faladas” (Foucault, 2006, p. 207-208), mas, sendo construídas nas interconexões entre vivências desdobradas no tempo-espaço, deixam seus rastros nas rachaduras dos espaços em que se debatem com o poder que visa sua aniquilação e apagamento.

Diante a construção da memória social do movimento negro educador, com suas possibilidades e limites em políticas públicas e pesquisas sobre a Educação das Relações Étnico- Raciais, onde está o trabalho pioneiro do intelectual e educador negro Manoel de Almeida Cruz na construção de uma *Pedagogia Interétnica*, antirracista, insurgente?

É importante que se lance algumas reflexões que corroborem ao movimento educador presente no Grupo de Trabalho Educação e Relações Étnico Raciais- GT 21 da ANPEd, em que fique demarcado o lugar de engajamento do intelectual Manoel de Almeida Cruz, que através da própria experiência negra estabeleceu pensamento crítico, que reconhecia o sentido de uma ação política questionadora. Que se movimentou pela transformação dos problemas enfrentados pela população indígena e, principalmente, negra nos espaços educacionais, em projetos alternativos que garantissem aos grupos interétnicos condições de desenvolvimento econômico e social, nas fissuras dos caminhos elaborou uma pedagogia insurgente calcada em laços de pertencimento e ancestralidade: a *Pedagogia Interétnica*.

## REFERÊNCIAS

BRASIL. Lei n. 5.692, de 11 de agosto de 1971. Fixa as diretrizes e bases para o ensino de 1º e 2º graus, e dá outras providências. **Diário Oficial da República Federativa do Brasil**, Brasília, 12 de agosto de 1971.

BRASIL. Lei n. 10.639, de 9 de janeiro de 2003. Inclui no currículo oficial da Rede de Ensino a obrigatoriedade da temática "História e Cultura Afro-Brasileira", e dá outras providências. **Diário Oficial da República Federativa do Brasil**, Brasília, janeiro de 2003.

BRASIL. Lei n.11.645/08, de 10 de março de 2008. Estabelece a obrigatoriedade do ensino da história e cultura indígena no Ensino Básico. **Diário Oficial da República Federativa do Brasil**, Brasília, março de 2008.

BRASIL, MINISTÉRIO DA EDUCAÇÃO. Diretrizes Curriculares Nacionais para a

Educação das Relações Étnico-Raciais e para o Ensino de história e cultura Afro-Brasileira e Africana. **Parecer CNE/CP 3/2004**, de 10 de março de 2004.

CARNEIRO, Sueli. **Dispositivo de racialidade**: A construção do outro como não ser como fundamento do ser. Rio de Janeiro: Zahar, 2023

CRUZ, Manoel de Almeida. Pedagogia Interétnica. In: **Estudos Afro-Asiáticos**. CEEA/CCM, nº 8-9, p. 53-60, 1983

CRUZ, Manoel de Almeida. **Alternativas para combater o racismo**: um estudo sobre o preconceito racial e o racismo. Uma proposta de intervenção científica para eliminá-los. Salvador: Edições Núcleo Cultural Afrobrasileiro, 1989.

FOUCAULT, Michel. **Ditos e escritos**. Tradução Vera Lúcia Avelar Ribeiro. Rio de Janeiro: Forense Universitária, 2006.

GOMES, Nilma Lino. **O Movimento Negro Educador**: saberes construídos nas lutas por emancipação. Petrópolis, RJ: Vozes, 2017.

GONZALEZ, Lélia & HASENBALG, Carlos. **Lugar de Negro**. Rio de Janeiro: Editora Marco Zero, 1982

LIMA, Ivan Costa. **Uma proposta pedagógica do movimento negro no Brasil** pedagogia interétnica de Salvador, uma ação de combate ao racismo. (Dissertação de mestrado). Universidade Federal de Santa Catarina. Florianópolis. SC, 2004.

LIMA, Ivan Costa. **História da Educação do Negro(a) no Brasil**: pedagogia interétnica de Salvador, uma ação de combate ao racismo. Curitiba, Appris, 2017.

ROLNIK, Suely. **Esferas da Insurreição**: Notas para uma vida não cafetinada. São Paulo: n-1 edições, 2018

TERCEIRA CONFERÊNCIA MUNDIAL DE COMBATE AO RACISMO, DISCRIMINAÇÃO RACIAL, XENOFOBIA E INTOLERÂNCIA CORRELATA. **Declaração de Durban e Plano de Ação**. Mistério da Cultura/Fundação Cultural Palmares. Brasília, 2001.

WALSH, Catherine. Interculturalidade crítica e pedagogia decolonial: in-surgir, re-existir e re-viver. In: CANDAU, Vera Maria (Org.). **Educação intercultural na América Latina**: entre concepções, tensões e propostas. Rio de Janeiro: 7 Letras, 2009, p. 12-43.

## PERIÓDICOS

O racismo em livro. **A Tarde**, Salvador, 30 de março de 1989.

Surge o Núcleo Cultural Afro-Brasileiro. **Diário de Notícias**, Salvador, 01 de agosto de 1974.

Núcleo cultural deseja conscientizar o negro. **Tribuna da Bahia**, Salvador, p.3, 15 de dezembro de 1975.

**PALAVRAS-CHAVE**: Educação. Relações Étnico Raciais. Pedagogia Interétnica.